



ENTRE NARRATIVAS E MATERIALIDADES: ARQUEOLOGIA E CAPITALISMO NAS ILHAS SHETLAND DO SUL

Leonardo Lucas Silva da Silva¹

Resumo

“O caráter multidisciplinar da arqueologia histórica significa que ela possui um amplo leque de informações” (ORSER, 1992). A materialidade possui inúmeros atributos que somente podem ser compreendidos através da história e da arqueologia. O presente trabalho busca situar a Antártida no mapa do mundo moderno, bem como demonstrar os efeitos do mercantilismo e do capitalismo em um contexto Antártico. Partindo principalmente de cidades dos Estados Unidos, como, Nantucket, New Bedford e Lynn, por meio de companhias de navegação, grupos de lobeiros-baleeiros chegavam na Antártida. Para o aporte teórico desta pesquisa, foi utilizado os trabalhos elaborados pelo Laboratório de Estudos Árticos em Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (Leach/UFMG) sobre as primeiras estratégias humanas de ocupação da Antártica, entre o final do século XVIII e o início do XIX, centradas nas Ilhas Shetland do Sul.

Palavras-chave: Arqueologia- Antártida- Capitalismo.

BETWEEN NARRATIVES AND MATERIALS: ARCHEOLOGY AND CAPITALISM IN SOUTH SHETLAND ISLANDS

Abstract

"The multidisciplinary character of historical archeology means that it has a wide range of information" (ORSER, 1992). Materiality has innumerable attributes that can only be understood through history and archeology. The present work seeks to situate Antarctica on the map of the modern world, as well as demonstrate the effects of mercantilism and capitalism in an Antarctic context. Departing mainly from cities of the United States, like, Nantucket, New Bedford and Lynn, by means of shipping companies,

¹ Graduando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS.
Email: leonardolucassilva@hotmail.com



groups of werewolves arrived in Antarctica. For the theoretical contribution of this research, the work developed by the Laboratory of Arctic Studies in Human Sciences of the Federal University of Minas Gerais (Leach / UFMG) was used on the first human strategies of Antarctic occupation, between the end of the eighteenth century and the beginning of the 19th century, centered on the South Shetland Islands.

Keywords: *Archeology- Antarctica- Capitalism*

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA: TECENDO REFLEXÕES

Toda definição acabada é uma espécie de morte, porque, sendo fechada, mata justo a inquietação e curiosidade que nos impulsionaram para outras coisas que, vivas, palpitam e pulsam (SANTAELLA, 1983, p. 9).

A tarefa de encontrar uma definição para a Arqueologia Histórica não tem sido fácil. Tem-se buscado mostrar que ela não é uma simples auxiliar da documentação escrita e da ciência da História, pois entende-se que a cultura material pode não só complementar as informações textuais, como fornecer informações de outra forma não disponíveis e até mesmo confrontar-se às fontes escritas (Davies 1988:21; Small 1995:15; Kepacs 1997: 193).

Nas últimas duas décadas, preocupados com a análise da sociedade, os arqueólogos históricos têm, cada vez mais, focalizado sua atenção nos mecanismos de dominação e resistência e, em particular, nas características materiais do capitalismo (Rowlands 1995; Deagan 1996; Little 1996)

A Arqueologia, contudo, pode transcender os quadros estritos da historiografia assentada nas fontes escritas (Burke 1995: 149), cujo viés de classe constitui sua própria essência e a cultura material pode tratar de temas simplesmente ausentes ou ignorados pela documentação, como no caso das grandes maiorias, da vida rural e do cotidiano. Os discursos verbal e artefactual entrecruzam-se, de diferentes modos, nas sociedades



históricas e o desenvolvimento de técnicas para tratar de tais inter-relacionamentos permanece uma questão fundamental no seio da disciplina

Em se tratando de Arqueologia História é inevitável incluímos esta subdisciplina em uma esfera mais ampla no que tange seus preceitos teórico-metodológicos, ou seja, com a Arqueologia. Esta relação é indissociável, pois, “os marcos teóricos da Arqueologia Histórica são, como não poderia deixar de ser, os marcos teóricos da Arqueologia” (Lima, 2002, p. 7). De uma forma geral, podemos conceituar a Arqueologia como o estudo dos grupos humanos, em seus mais diversos aspectos, através da sua cultura material (Najjar, 2005). No entanto, a área de atuação do arqueólogo pode variar de acordo com o seu objeto de pesquisa.

O pesquisador que trabalha com Arqueologia Histórica pode utilizar uma variedade de fontes em seus estudos, diferentemente do arqueólogo que trabalha com a Pré-História. Najjar (2005) afirma que os artefatos, os documentos escritos, a informação oral e a própria arquitetura podem informar ao pesquisador de Arqueologia Histórica sobre as relações entre os ocupantes desses sítios e como eles se relacionavam com a sociedade.

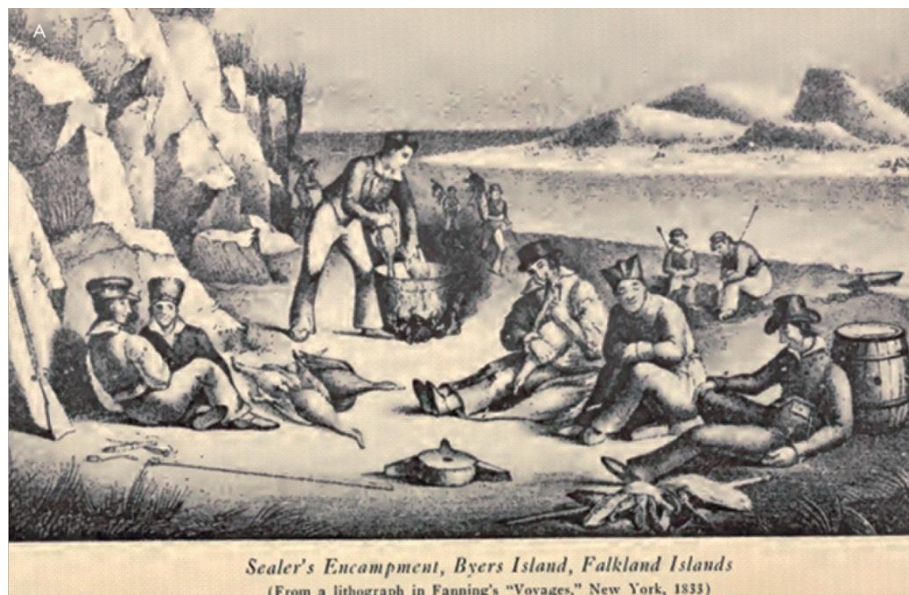


Imagem 01 (Legenda: Acampamento foqueiro. Fonte: Stackpole, 1955, p. 6)

Em relação às fontes utilizadas na Arqueologia Histórica Orser Jr. (1992) problematiza-as com maior ênfase e em maior número. Segundo este arqueólogo, na Arqueologia Histórica é comum o estudo de artefatos, estruturas, documentos escritos, mapas, pinturas, desenhos, fotos, história e testemunhos orais, além das transformações na paisagem decorrentes das ações dos grupos humanos.

Baseados em Orser Jr. (1992), classificamos os artefatos em Arqueologia Histórica como aqueles itens fabricados e/ou modificados pela ação humana, incluindo louças, garrafas e frascos de vidro, metais e assim por diante.



Imagem 02 (Legenda: Recipientes para o consumo de alimentos: A) fragmento de xícara de chá de louça em earthenware, transfer print azul embaixo do esmalte, associado a pinturas à mão (na borda da xícara), sítio Rugged 1; B) louça pintada à mão, em cor azul, sítio Punta Varadero; C) fragmentos de recipientes em grés, sítio Cuatro Pircas; D) fragmentos de recipiente em grés, sítio Pencas 3. Fonte: Leach/ UFMG).

Já as estruturas, entendidas como qualquer evidência de presença humana que não pode ser removida do sítio arqueológico, estariam relacionadas na Arqueologia Histórica a poços, trincheiras, lareiras, fossas sanitárias, casas, fortes e outras edificações.

Esta peculiaridade da Arqueologia Histórica, em poder confrontar diversas fontes, também reserva a esta subdisciplina um papel de destaque no estudo dos grupos humanos. Além de dar “voz” aos esquecidos pela História Tradicional (Funari 1996), cabe à Arqueologia Histórica analisar os domínios nos quais o registro documental é falho ou extremamente tendencioso (Lima, 2002b).



FRIAS NARRATIVAS

...a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida

A Antártida se difere de outras regiões desde a sua geografia única, passando pela história do seu descobrimento e exploração, até a maneira como a inserimos na nossa compreensão de mundo. É carregada de poesia e mistério, porém, entendida como essencialmente natural e não-humana. Contudo, houve incursões sazonais de foqueiros e baleeiros do século XIX até presenças atuais de marinheiros, que incorporaram a Antártica em suas experiências pessoais.

Um intenso branco, extenso e homogêneo, de montanhas altas e de um mar calmo, onde flutuam grandes blocos de gelo. O céu é feito de um acinzentado inalterável e a luz do sol, sempre coberto por nuvens, chega branca e difusa. Luz de sol que se mistura ao branco intenso.

No continente, o chão, onde não há sedimento, vegetação ou vida, é apenas coberto por neve. As reduzidas cores variam pouco e apenas em tons frios. Também poucos elementos compõem essa paisagem que faz a vida em silêncio. E tudo permanece sempre imóvel, pois, aparentemente, não há movimento. Luz e frio, como se este imobilizasse o pouco que há nessa imensidão de tudo e nada. É como se nada acontecesse nesse lugar, praticamente uma fotografia. Porém, apenas uma, repetidamente.

Relfetir sobre essa paisagem ajuda no surgimento de novas questões. A arqueologia nesse ponto é muito dependente da narrativa, ter uma história em mente é necessário para ajudar enquanto se escava, enquanto se pensa nas alternativas para o



sítio. Hodder já pontuava isso quando dizia que: “Ter histórias e narrativas em mente ajuda os participantes em campo a acrescentar suas partes ao todo. Ter histórias em mente também nos ajuda a levantar questionamentos. É uma parte essencial do processo arqueológico.

Como escavamos depende das histórias que estamos contando a nós mesmos no momento da escavação.” (HODDER, 1999). O que é escavado depende da história que é formada e contada enquanto se escava. Com a narrativa é preciso situar as proposições num argumento mais amplo. A construção de histórias se traduz em uma forma básica de encontrar sentido no passado, encaixando o particular em um todo que tenha aceitação de uma platéia.

O passado vive enquanto se está recontando uma história. Shanks coloca sua preocupação em relação à reciprocidade da história com a reação do público, é preciso que exista receptividade, caso contrário a narrativa se perde no vazio do eco (SHANKS, 1992). “Numa história, o passado é incorporado à vida e à praxis social do contador de histórias de modo a ser novamente exteriorizada... Histórias nos convidam a serem recontadas ou elaboradas. A audiência é convidada a construir uma resposta produtiva.” (SHANKS & TILLEY, 1987).

Essa relação dual ajuda na dispersão e produção das idéias com um público que não é passivo, e sim ativo, que ajuda na produção da própria história. Através desse contexto, é interessante pensar na arqueologia como um caleidoscópio (HODDER, 1999) onde após cada mexida que você dá, há uma nova formação visual. Cada vez que tentar olhar, então, irá ver uma imagem nova se formando, de onde poderá tirar novas informações, criar novas narrativas e conseqüentemente novas visões sobre o passado.

PARA UMA ARQUEOLOGIA DO CAPITALISMO

A história da ocupação da Antártica é distinta de ocupações modernas em outras regiões do mundo, dado que não foi urbana, rural ou colonial, não teve grupos abastados



nos assentamentos fixos, não apresentou cultura material de distinção social, e, principalmente, a presença humana não foi permanente.

As experiências de tempo dos caçadores e dos marinheiros se dão, nesse sentido, vinculadas a um espaço específico. As experiências antárticas são marcadas pelo caráter temporário da presença humana, pela sazonalidade, pelas atividades econômicas dos caçadores (ou científicas, para o caso dos marinheiros em apoio aos pesquisadores) de extração de recursos ou informação, pelos constantes movimentos de retenção e protensão acarretados pela distância frente ao familiar.

A Antártica, entre outras características, era fortemente um local de sobrevivência e de trabalho intenso. Mas juntamente ao tempo capitalista, que rege o ritmo intenso laboral, os altos números de matança e carcaças coletadas, há outros ritmos e temporalidades que negociam com esse: a velocidade do tempo antártico.

Desse modo, fizeram também parte do tempo antártico, entre outros: o tempo do mar e da natureza, que possibilitam ou impossibilitam atividades e passagens; o tempo do navio, que inclui as atividades econômicas, também atividades de navegação e manutenção do navio; o tempo de autossuficiência dos navios e assentamentos fixos (refúgios), que implica uma limitação material relativa; o tempo da durabilidade dos materiais, uma vez que era mais necessário que os objetos fossem duráveis e resistentes, do que ostentassem um ideal de tempo novo e moderno

No século XVIII, um comércio propriamente capitalista já havia sido instalado em várias áreas do mundo, no Atlântico, no Índico, no Pacífico, comercializando uma variedade de itens, incluindo óleo e pele de vários mamíferos marinhos. Após a descoberta do continente antártico por caçadores-exploradores², na virada do século

² I Think This Southern Land to Be a Continent: Capitão John Davis, do navio Huron, escreveu essas palavras em seu diário, na data de 07 de fevereiro de 1821. Foi então citado por Stackpole (1955) como a primeira menção documentada conhecida de avistamento do continente Antártico, após o descobrimento das ilhas Shetland do Sul, por caçadores de mamíferos marinhos. Contudo, há hipóteses para incursões anteriores, como a do navio argentino San Telmo, ou mesmo navios de caça anteriores, mas que mantinham segredo a nova região de exploração.



XVIII para o XIX, as caças foqueira e baleeira se voltaram para a região, gradualmente incorporando uma ideia de mundo cada vez mais comercial

Após a sua descoberta entre o final do século XVIII e início do XIX, as incursões à Antártica baseavam-se na exploração de recursos. No século XX, outras atividades passaram a ser também desempenhadas: a investigação científica e, nas últimas décadas daquele século, também o turismo.

Essas três formas de relacionamento humano com a Antártica são, de maneira geral, efêmeras e sazonais, visando à realização de objetivos específicos e o retorno bem sucedido, mas nunca o estabelecimento duradouro ou a permanência fixa. Busca-se retirar algo da Antártica (bens, conhecimento ou experiências), ao invés de inserir pessoas permanentemente ou transformar fundamentalmente o espaço, como ocorreu em diferentes ocupações e regiões colonizadas.

As caças de baleias e de focas muitas vezes se sobrepunham, com navios baleeiros ou foqueiros coletando os dois tipos de presa. Contudo, é possível observar que se deram especialmente em momentos distintos do século XIX, com picos de intensidade e de lucro diferentes, conectando a Antártica a alguns pontos (portos) distintos (Salerno, 2006; Senatore, Zarankin, Salerno, Valladares, 2008; Senatore e Zarankin, 1999; Smith e Simpson, 1987; Zarankin e Senatore, 1997, 2000, 2005, 2007; Zarankin, Senatore e Salerno, 2009).

A caça foqueira (em particular focas e elefantes marinhos) certamente não se inicia no continente Antártico. Ela começa a ser praticada nos oceanos austrais, entre as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do XIX, nas ilhas Juan Fernandez, Kerguelen, Tasmânia e Nova Zelândia, às Malvinas (Falklands), as ilhas Sandwich, as Orkney do Sul e às Shetland do Sul³

³ A data de descoberta das ilhas Shetland do Sul pelo capitão britânico Williams Smith em 18 de fevereiro de 1819 é questionável (Zarankin e Senatore, 2005, 2007), uma vez que a caça foqueira era



Após a incorporação do continente Antártico no itinerário de caça, houve várias incursões à região para busca inglês) antárticos comercializavam principalmente nos portos de Londres, Nova York e Canton (Basberg e Headland Zarankin e Senatore, 2007) e provi África do Sul, Nova Zelândia, França, Tasmânia, Canadá, Chile, Noruega, Portugal, Alemanha, entre outros (Headland, 1989). comercializados globalmente, sendo a pele para vestimentas, como chapéu casacos, coletes e botas, e o óleo para lubrificação, manufatura e iluminação. Essa primeira indústria antártica (Basberg e Headland, 2008: 3) foi de curta duração, focalizada especialmente no início da década de 1820., com um grande pico de intensidade entre os anos de 1820 1870

Não é possível continuar na crença inocente de que o produto dos profissionais é objetivo, real e desconectado de qualquer intencionalidade (ZARANKIN, 2000). Arqueólogos geram um discurso sobre o passado traduzindo objetos em linguagem, trazem o passado num discurso que para eles tenha sentido e coerência. Podemos considerar o material arqueológico como um texto a ser lido. “A idéia de que a cultura material pode ser lida como um texto já tem sido assumida tacitamente na arqueologia.

Arqueólogos freqüentemente se referem aos seus dados como registro ou como linguagem... A maioria dos arqueólogos certamente diriam que seus dados são mudos. Certamente um objeto enquanto objeto, sozinho, é mudo. Mas arqueologia não é o estudo de objetos isolados.” (HODDER, 1986).

A cultura material é carente de significados por ela mesmo, e só adquire uma dimensão ativa e ideológica dentro de um sistema cultural determinado. Desta forma, se partirmos do princípio de que os objetos produzidos e utilizados pelos homens são ativos, dinâmicos, portadores e geradores de significados, encontraremos, por meio de sua análise, uma linha alternativa para estudar as pessoas e seu mundo social.” (ZARANKIN, 2002).

uma indústria competitiva, em que o conhecimento das localidades mais favoráveis e a exclusividade de sua exploração oferecem maior possibilidade de lucro.



Referências bibliográficas

BASBERG, B. L.; Headland, R. K. The 19th century Antarctic sealing industry: sources, data and economic significance. Polar research, St. Petersburg, 2008.

BARTHES, Roland. A aventura semiológica, cit. p. 103-104.

BURKE, P. The invention of leisure in early modern Europe. Past and Present 146: 136-150. 1995

DAVIES, N.Z.. History's two bodies. American Historical Review 93: 1-30. 1988

DEAGAN, K.. Aventure of inquiry in historical archaeology. In Images of the Recent Past, C.E. Orser (ed.), 16-41. London: Altamira, 1996

HODDER, I. Theory and practice in archaeology, London: Routledge, 1992

KEPACS, S.. Introduction to new approaches to combining the archaeological and historical records. Journal of Archaeological Method and Theory 4(3/4), 193-8. 1997

LIMA, Tania Andrade. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 7-23, 2002.

LITTLE, B.J.. People with history: an update on historical archaeology in the United States. In Images of the Recent Past, C.E. Orser (ed.), 42-78. London: Altamira. 1996

NAJJAR, Rosana. Arqueologia histórica: manual. Brasília: IPHAN, 2005.

ORSER Jr., Charles. Introdução à Arqueologia Histórica. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

ROWLANDS, M. A question of complexity. In D. Miller, M. Rowlands and C. Tilley (eds) Domination and Resistance. London, Unwin Hyman, 29-40. 1989



SALERNO, M. Arqueología de la indumentaria: prácticas e identidad en los confines del mundo moderno (Antártida, Siglo XIX). Buenos Aires: Del Tridente, 2006.

SENATORE, M. X.; ZARANKIN, A. Arqueología histórica y expansión capitalista: prácticas cotidianas y grupos operarios em Península Byers, Isla Livingston, Shetland del Sur. In: ZARANKIN, A.; ACUTO, F. (Ed.). Sed Non Satiata. Buenos Aires: Tridente, 1999. p. 171-188.

SMALL, D. Introduction. In Historical and Archaeological Views on Texts and Archaeology, D. Small (ed.), 1-14. Leiden: E.J. Brill, 1995

SHANKS, M. & TILLEY, C. Reconstructing Archaeology, Cambridge: Cambridge University Press. 1987

SHANKS, M. Experiencing The Past, London: Routledge. 1992

ZARANKIN, A.; SENATORE, M. X. Historias de un pasado en Blanco: arqueologia historica antártica. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.